

Discurso – Presidente da Assembleia-Geral da Confederação do Desporto de Portugal – Comendador Carlos Moia

Já vão perceber, não é por acaso que vou começar pelo étimo: CONFEDERAR significa UNIR. É, pois, com esse espírito que aqui estou, feliz por contar com a confiança que em mim depositaram. Com um espírito que é de união – e mais do isso, quer ser sempre de independência. Sim, nesta posição – eu não sou representante de um desporto qualquer, quero ser o representante simbólico de todos vós, de todos os desportos que Portugal tem, por mais ou menos mediáticos que eles sejam.

Como é óbvio não há desportos bons ou desportos maus – o que há, sobretudo por cá, é desportos com muita visibilidade e desportos com menos visibilidade. Dir-me-ão que é uma questão de paixão ou pior ainda uma questão de mercado. Pode ser que seja uma coisa e outra ou ambas até. Mas não podemos resignar-nos a uma fatalidade assim.

E é para evitar que esse paradigma se mantenha ou se agrave que a Confederação do Desporto de Portugal tem de existir, tem de agir como representante de todas as federações, não apenas como representante das federações olímpicas, o que, desde logo marca o sentido da nossa existência, a prova de que não somos duplicado de ninguém, nunca o poderemos ser.

Pois, como dizia temos de existir e agir assim – e existir e agir assim significa existir e agir com empenho, com criatividade, com persuasão. Para que tenhamos uma verdadeira cultura desportiva em vez de uma descultura de desporto feita de fenómenos e macrocefalias. Esse é, não tenho dúvidas, um dos grandes desafios de todos nós. Por mim, pela parte que me tocar, prometo empenhamento nessa batalha, nesse desígnio – para que o desporto em Portugal não seja só futebol e de vez em quando fogachos de euforia por algumas outras modalidades terem conseguido uma ou outra vitória em grandes campeonatos internacionais.

Nisso temos de contar também com a principal arma que nós temos: os nossos campeões. Que são muitos mais do que aqueles que o país acha que são – basta ver o que acontece todos os anos nas Gala da Confederação. Dezenas e dezenas de heróis incógnitos, desfilando pelo palco, mostrando o vigor, o fulgor que Portugal tem – e só em alguns casos reconhece. Só por isso, permitam-me que vos diga, a Gala da Confederação é um fenómeno incontável, um espaço de afirmação – o modo mais emocional, mais passional, de mostrar que Portugal tem desporto de qualidade, motivos de orgulho, mesmo não tratando alguns desses heróis como eles mereciam que fossem tratados, nas notícias dos jornais, nas páginas da televisões, nos gabinetes dos políticos, etc., etc., etc.

Sim, os desportistas são para admirar, não são para desconfiar. Por isso, a nós, à Confederação do Desporto de Portugal, cabe-nos outro importante desafio. Evitar que pelos nossos actos ou pelas nossas omissões o desporto de alto rendimento possa parecer o que não deve ser: mais uma escola de truques grosseiros onde se aprende que o êxito vale a qualquer preço do que uma escola de virtudes onde se aprende que mais importante do que uma vitória é o homem que se constrói nesta fascinante aventura de dar a alma ao corpo que joga, que corre, que lança, que luta, que se empolga, que se transcende...

Há muito que eu aprendi que o desportista que após uma derrota encontra dentro de si força para estender a mão ao adversário, com sinceridade, sem deixar passar um traço de amargura no sorriso que esboça, mostra o que há de mais nobre na condição humana, mostra a verdadeira essência do desporto, mesmo que seja de alto rendimento, mostra que obtém sobre si próprio e sobre o adversário uma outra vitória, a mais valiosa das vitórias. É igualmente com esse espírito que a Confederação do Desporto deve existir – é desse espírito que eu procurarei ser guardião...

Para isso não poderemos pensar ou aceitar que a prática do desporto tenha apenas como finalidade criar actores de um espectáculo de corpos eleitos pelos deuses, terá, forçosamente, de ter uma finalidade maior, que anda, muitas vezes mais do que deveria, esquecida: a finalidade de tornar mais

felizes todos aqueles que praticam desporto e todos aqueles que o vêem, mas sobretudo tornar mais felizes todos aqueles que fazem com que se pratique desporto, se veja desporto – e esses somos nós, os dirigentes. E eu não tenho dúvidas, seremos todos dirigentes mais felizes, dirigentes melhores – se nos integramos nas realidades e nas exigências do meio, se evitarmos, na medida em que o pudermos fazer, paixões doentias, se soubermos promover e mostrar que a nossa missão, o nosso significado, não é andarmos por aqui em bicos de pés, em guerras e invejas, só porque uma federação ganhou mais medalhas ou recebeu mais fundos públicos ou teve mais programas de TV ou mais páginas de jornais – a nossa missão aqui é sermos uma verdadeira confederação, uma confederação de interesses, mais interventiva, mais construtiva, pensando sempre que na nossa origem, na nossa função, na nossa missão está o étimo com que comecei esta nossa conversa – que confederar significa unir. É para isso que podem contar comigo.